

* AÇÃO PEDAGÓGICA DA ESCOLA PELA VIA DA INTERDISCIPLINARIDADE

João Paulo Subirá Medina **

Carmem Lúcia Soares **

Cetinelza Zulke Taffarel **

Visão de Área - Educação Física

I — INTRODUÇÃO

No momento em que a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo empenha-se em melhorar a qualidade do ensino público, inspirada em diretrizes político-filosóficas de caráter popular e democrático, acreditamos que o Projeto de Reorganização da Escola, via AÇÃO PEDAGÓGICA INTERDISCIPLINAR, oferece uma oportunidade ímpar no sentido de exercitarmos uma prática que busque superar o modelo de uma educação unilateral, ainda prevalente na estrutura escolar.

É preciso romper esta unilateralidade do trabalho intelectual, super-racionalizado e fragmentado, para dar vazão a novas formas e conteúdos que não desprezem a educação dos sentidos em toda a sua amplitude e que, sem negar a realidade histórica, exerça uma resistência que aponte dialeticamente para uma nova ordem social, calcada na aplicação de princípios verdadeiramente democráticos, de justiça para todos e de solidariedade.

É nessa perspectiva que a EDUCAÇÃO FÍSICA, se entendida não mais como simples atividade curricular, mas como disciplina que valoriza sua práxis (ação/reflexão/ação), pode dar a sua contribuição neste esforço coletivo de construção de uma escola comprometida com a transformação social que, além de permitir o conhecimento crítico da realidade, seja também canal privilegiado de produção de cultura, onde os sentimentos, a criatividade, o lúdico, a corporeidade, enfim, não fiquem do lado de fora.

Evidentemente, tal proposta implica estamos permanentemente buscando explicitar os nossos limites e possibilidades, oriundos da realidade só-

cio-político-cultural e econômica que condicionam e determinam as relações pedagógicas.

Isto não quer dizer que basta aos sujeitos envolvidos nesta relação compreenderem ou conscientizarem-se de sua situação no mundo para que as mudanças ocorram. O modelo de educação que está sendo proposto por esta Administração é aquele que a entende como prática social que sempre contém uma intencionalidade. "A intencionalidade da educação que propomos é a transformação social, evidentemente, compreendida e articulada no contexto e no limite das demais práticas sociais". (1)... "A educação é, portanto, um ato dinâmico e permanente de conhecimento centrado na descoberta, análise e transformação da realidade pelos que a vivem". (2)

A escola é sempre expressão das intencionalidades sociais que refletem os conflitos e contradições presentes na sociedade. O revelar desta realidade permite-nos não só compreender os interesses dominantes que "amarram" a organização, a administração e até a definição de meios e fins no interior da estrutura escolar, mas, sobretudo, permite-nos situarmo-nos diante do compromisso com a transformação social, compromisso que só tem sentido se acompanhado da responsabilidade que nos empurra para a luta político-pedagógica que se dá em nosso cotidiano.

II — FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

É possível afirmar que a Educação Física nasce colada com a Escola e com os Sistemas Nacionais de Ensino característicos das sociedades burguesas emergentes nos séculos XVIII e XIX.

* Documento elaborado para a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Coordenadoria dos Núcleos de Ação Educativa — Diretoria de Ação Técnica — Divisão de Orientação Técnica de Ensino de 1º e 2º Graus.

** Autores do Documento.

O historiador italiano Mário A. Manocorda assinala a existência da Educação Física no quadro geral da educação escolar européia e americana do séc. XIX como um importante fator de revitalização do sistema educacional (3).

A Educação Física que nasce naquele período, afirma Manocorda, não é mais aquela voltada à educação guerreira ou simplesmente à Educação cavaleiresca, cortesã, que unia a caça, música e letras. É, pois, uma Educação Física concebida como ... "parte essencial da formação do homem". (4)

O tema do trabalho físico nos anos oitocentos, anos que marcam este nascimento da Educação Física e sua inclusão no sistema educacional, liga-se intimamente ao tema dos cuidados físicos com o corpo.

Esses "cuidados" com o corpo tornam-se necessários, uma vez que a força de trabalho produzida e posta em ação por este corpo passa a ser vendida como uma mercadoria na nova sociedade que emerge sob o modo capitalista de produção.

"Cuidar" do corpo significa também "cuidar" da nova sociedade em construção. Cuidar do corpo era uma necessidade que devia ser respondida pela realidade social e educacional do século XIX e, portanto, práticas sociais tais como a Educação Física, foram pensadas e postas em ação de acordo com a perspectiva da classe social que, naquele momento histórico, encontrava-se no poder.

Desde os primeiros anos do século XIX, os anos oitocentos, as Escolas de Ginástica que surgem na Alemanha como associações livres, espalham-se a outros países da Europa e da América, passam a exigir a introdução da Ginástica ou Educação Física no ensino formal de todos os países.

Como a Ginástica ou Educação Física que praticavam não se destinava a uma população escolar, ou seja, ao sistema educacional formal, houve a necessidade de se elaborarem adaptações e até mesmo novas propostas.

A preocupação com a introdução das atividades corporais nos currículos escolares remonta o século XVIII, com os filantropos Guths Muths, J. B. Basedow, J. J. Rousseau e Pestalozzi. Essas preocupações iniciais somam-se, mais tarde, àquelas manifestas pelas associações livres de ginástica, resultando daí as primeiras sistematizações sobre os exercícios físicos, denominados de Métodos Ginásticos, tendo como autores mais conhecidos o sueco P. H. Ling, o francês Aimoros e o alemão A. Spiess.

Estes Métodos Ginásticos, adaptados e/ou elaborados especificamente para uma aplicação na instituição escolar, foram difundidos a nível mundial, ao mesmo tempo em que iam sendo aprimorados a partir de contribuições de pesquisadores de diferentes áreas, ao longo de todo o século XIX.

Vários estudiosos buscaram não só desenvolver uma Ginástica ou Educação Física para a escola, mas, fundamentalmente, destinar-lhe um espaço de respeito e consideração perante os demais componentes curriculares.

Esse intento de fato realizou-se, uma vez que a Educação Física a ser ministrada na escola passava a ser vista como importante instrumento de aprimoramento físico dos indivíduos. Estes, por sua vez, "fortalecidos" pelo exercício físico, que em si gera saúde, certamente estariam mais aptos para contribuir com a grandeza da indústria nascente, dos exércitos e com a prosperidade da Pátria. Desenvolver e fortalecer física e moralmente os indivíduos era, portanto, uma das funções a serem desempenhadas pela Educação Física no sistema Educacional, e uma das razões para a sua existência.

Outra forte razão era o seu caráter científico dado a partir de referenciais oriundos das ciências biológicas. Numa sociedade onde a ciência transformara-se em uma nova "religião", o caráter científico da Educação Física constituía-se em fator determinante para a sua consideração e respeito no interior do sistema educacional.

De fato, as séries de exercícios propostas pelos Métodos Ginásticos aqui citados, obedeciam a critérios rígidos estabelecidos pelas ciências biológicas, resguardados, evidentemente, os limites do conhecimento do século XIX e início deste.

Entre os profissionais que se destacaram no desenvolvimento do conteúdo da Educação Física escolar, o médico, e mais especificamente o médico higienista, passa a ser um personagem quase indispensável para a realização da Educação Física na instituição escolar, exercendo uma "autoridade" perante um conhecimento de ordem biológica por ele dominado, em função dos objetivos a serem perseguidos pela Educação Física, quais sejam, desenvolver a aptidão física dos indivíduos.

Os "instrutores", aqueles que ministravam as aulas nas escolas, eram, em geral, instrutores físicos do Exército, trazendo, desse modo, para o interior da instituição escolar, os rígidos métodos militares da disciplina, da ordem e da hierarquia.

Na ausência de uma identidade pedagógica, e tendo forte apelo social, dado o seu caráter instrumental de "utilidade", somado ao respaldo dito "científico", a Educação Física afirma-se no interior do sistema educacional.

Essa ausência de identidade pedagógica vai fazer da Educação Física um instrumento de difusão não de um conteúdo pedagógico escolar, mas de um conteúdo próprio de outras instituições, que, em sentido amplo, é também "pedagógico", porque educa numa determinada direção.

Estudo a esse respeito, foi desenvolvido por Valter Bracht (5), que nos mostra, no caso do

Brasil, como se desenvolveu a Educação Física na Instituição escolar.

Se de um lado há, no desenvolvimento da Educação Física, a predominância dos chamados Métodos Ginásticos, especialmente o Método Sueco de P. H. Ling e do Método Francês, há, de um outro lado, uma forte influência da instituição militar, uma vez que os

...“métodos adotados na Educação Física foram, via de regra, os adotados pela instituição militar, como foi o caso do Método Francês”. (6)

A instituição militar, portanto, assume, em relação à Educação Física escolar brasileira, especialmente nas quatro primeiras décadas deste século, uma posição de hegemonia no seu desenvolvimento, trazendo para o interior da instituição escolar, através do “instrutor”, geralmente um militar, as práticas, normas e valores próprios daquela instituição.

...“Ora, a preparação militar inclui historicamente a exercitação corporal com o objetivo do desenvolvimento da aptidão física e do que se convencionou chamar de “formação do caráter” — autodisciplina, hábitos higiênicos, capacidade de suportar a dor, coragem, respeito à hierarquia”. (7)

Este conjunto de normas e valores passa a ser o conteúdo da Educação Física e traduz, ao mesmo tempo, os objetivos a serem por ela perseguidos. Desse modo,

...“a instituição escola... é mais ou menos palco de uma ação “pedagógica” que se legitimava a partir de sua presumível contribuição para a saúde, ou seja, com função higiênica (inicialmente com um conceito anatômico e posteriormente anátomo-fisiológico), e de formação do caráter, e o seu conteúdo baseado fundamentalmente na exercitação corporal através de exercícios analíticos, corridas, saltos, etc. Isto é, a Educação Física assume, através do conteúdo e da forma como ele é apresentado através das características dos papéis desempenhados pelos instrutores e alunos, os códigos/símbolos/linguagem/sentido da instituição militar”.(8)

É preciso assinalar que o auge da militarização da instituição escolar e do papel destacado que assume a Educação Física nada mais é do que a execução do projeto de sociedade idealizado pela ditadura do Estado Novo.

Cabe, ainda, seguindo os estudos de V. Bracht, analisar as características dos papéis dos dois principais sujeitos envolvidos numa aula de Educação Física: o instrutor e o aluno.

...“As funções atribuídas ao instrutor eram as de apresentar os exercícios, dirigir, manter a ordem e a disciplina. Ao aluno competia repetir e cumprir a tarefa atribuída pelo instrutor. A socialização do instrutor, ou seja, o

processo pelo qual o sujeito assumiu o papel de instrutor de ginástica consistia, fundamentalmente, num treinamento no interior da instituição militar ou numa escola de Educação Física Militar”. (9)

Existem, ainda, inúmeros aspectos da relação instrutor X aluno que poderiam ser analisados, todavia, daqueles aqui destacados, evidencia-se uma ...“transferência mecânica dos códigos da formação física militar para a Educação Física”.(10)

A gravidade deste fato acentua-se na medida em que não houve, neste período (primeiras quatro décadas deste século), uma ação teórico-prática no sentido de criticar, de um lado, a influência militar, e, de outro, desenvolver um corpo de conhecimentos que viesse diferenciar a Educação Física da instrução física militar.

Outro fator que contribuiu para essa ‘ausência teórico-prática’ foi o entendimento da Educação Física como atividade eminentemente prática, o que veio impedir uma reflexão teórica em seu interior e, neste sentido, a elaboração de um corpo de conhecimento que pudesse dar-lhe identidade pedagógica.

Ao final dos anos 40 deste século, é possível perceber um tímido processo de desmilitarização da Educação Física, ocorrendo, inclusive, a criação das primeiras escolas civis de formação de professores de Educação Física. Contudo, a desmilitarização não se deu de forma radical na Educação Física, assim como na sociedade em geral, até os dias de hoje (11)

A Educação Física no período pós II Guerra Mundial, o qual coincide, no Brasil, com o fim da ditadura do Estado Novo, perde a hegemonia da influência da Instituição Militar e ganha outras determinações institucionais, uma vez que ela própria não definiu o seu destino na instituição escolar.

Cabe assinalar, neste período, a influência, embora muito pequena, no Método Natural Austríaco, desenvolvido por Gaulhofer e Streicher, na Áustria, do Método da Educação Física Desportiva Generalizada, divulgado no Brasil pelo Prof. Augusto Listello. Todavia, como já afirmamos, a Educação Física recebe desses métodos pouca influência, destacando-se um crescimento muito rápido da influência do desporto ou, com afirma Bracht, “da instituição desporto”. (12)

...“O desporto sofre no período do pós-guerra um grande desenvolvimento quantitativo. Afirma-se paulatinamente em todos os países sob a influência da cultura européia, como o elemento hegemônico da cultura de movimento. No Brasil, as condições para o desenvolvimento do desporto, quais sejam, o desenvolvimento industrial com a conseqüente urbanização da população e dos meios de comunicação da massa, estavam agora mais do que antes presentes. Outro aspecto importante

é a progressiva desportivização de outros elementos da cultura de movimento, sejam elas vindas do exterior, como o judô ou karatê, ou genuinamente nacionais, como a capoeira". (13)

Se, até os anos 40, a Educação Física escolar assumia os códigos da instituição militar, a partir daí, sem perder totalmente aquela influência, passa a ser determinada pela instituição desporto. Essa influência é de tal forma

... "que temos então, o desporto da escola mas sim o desporto na escola, o que indica a subordinação da Educação Física aos códigos/sentido da instituição desportiva. O desporto na escola é um braço prolongado da própria instituição desportiva. Os códigos da instituição desportiva podem ser resumidos em: princípio do rendimento atlético/esportivo, competição, comparação de rendimentos e records, regulamentação rígida, sucesso esportivo é sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas etc". (14)

De posse do "conteúdo" veiculado pela instituição desportiva, transplantado de forma reflexa para a instituição escolar, cabe-nos analisar agora, como fizemos com a instituição militar, os papéis a serem desempenhados agora entre professor de Educação Física e educando.

... "Os papéis desses sujeitos na Educação Física também não são diferenciáveis nos seus aspectos fundamentais dos de treinador e atleta na instituição do desporto. Isto é, passou-se do professor-instrutor e do aluno-recruta para o de professor-treinador e do aluno-atleta. A diferenciação entre o "bom" treinador e o "bom" professor de Educação Física não é possível. A socialização do professor de Educação Física é marcada pela atividade desportiva. Os próprios professores dos cursos de Educação Física Superiores, que aliás possuem um currículo predominantemente desportivo, foram e são contratados em função do seu desempenho no mundo desportivo. A conservação da divisão de turmas para aulas de Educação Física por sexo (M e F) é também, em parte, um reflexo da divisão existente na instituição esportiva, pelo menos justificada a partir de seus códigos". (15)

Como pudemos observar a partir desta rápida análise de duas instituições que determinaram e ainda fortemente a Educação Física escolar, a ausência de uma identidade pedagógica deixa um vazio. Sua ocupação tem-se dado por temas da cultura de movimento que estão na "moda", o que sem dúvida tem dificultado enormemente a possibilidade de entendermos a Educação Física escolar como uma disciplina curricular.

É preciso deixar claro que identidade pedagógica

não é pedagogismo, o que nos levaria a pensar a Educação Física e a própria escola apenas sob a ótica de seus fatores internos tais como o conteúdo, os objetivos, o método de ensino, os materiais didáticos, a relação professor X aluno etc. Estes elementos, embora necessários para a construção desta identidade pedagógica da Educação Física não são suficientes, e só poderão, de fato, ser entendidos em todas as suas dimensões, a partir de uma reflexão crítica não só da Educação Física, mas da própria Escola enquanto instituição numa sociedade de classes.

III — DA EDUCAÇÃO FÍSICA QUE TEMOS À EDUCAÇÃO FÍSICA QUE QUEREMOS: UM LONGO CAMINHO A PECORRER

A. Atividade ou Disciplina Curricular?

Que implicações existem para um componente curricular se tratarmos a Educação Física como Atividade ou como Disciplina Curricular?

Para respondermos a esta pergunta, é necessário trazermos alguns elementos acerca do entendimento dado a cada um desses termos, em seus aspectos legais.

As leis nº 5.540/68 e 5.692/71 foram elaboradas a partir de uma concepção tecnicista de Educação e a Educação Física nelas presente,

...teve reforçado o seu caráter instrumental, caráter esse que, num primeiro instante, veio configurar-se no zelar, enfaticamente, pela preparação, recuperação e manutenção da força de trabalho, buscando com esse proceder, assegurar ao Impeto desenvolvimentista então em voga, mão-de-obra fisicamente adestrada e capacitada. Esse caráter instrumental, evidencia-se ainda mais, quando o Decreto nº 69.450/71, em seu artigo 1º refere-se a ela como sendo... "atividade que por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando (constituindo-se em) um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da Educação Nacional..."

O termo **atividade** empregado no texto legal, tem sua definição expressa formalmente no Parecer nº 853 de 12 de novembro de 1971, do CFE, e na Resolução nº 08 de 1º de dezembro do mesmo ano e daquele mesmo Conselho, ganhando a conotação de um **fazer prático** não significativo de uma reflexão teórica... (16)

O termo **atividade**, portanto, carrega em si uma forte conotação instrumental, em que a ação não é entendida como expressão de uma reflexão teórica. A Educação Física, enquanto matéria de ensino incorporada ao currículo sob a forma de **atividade**, acaba caracterizando-se no interior da

instituição escolar no fazer pelo fazer, justificando a sua presença..." enquanto uma mera experiência limitada em si mesma, destituída do exercício da sistematização do conhecimento."(17)

A compreensão da Educação Física, enquanto matéria curricular incorporada aos currículos sob a forma de **atividade**, é expressão da concepção biologicista. Nela, a Educação Física vincula-se, mecanicamente à educação do físico", tendo como objetivo desenvolver a aptidão física, prevenindo e mantendo a saúde, sendo que saúde para esta visão é saúde biofisiológica.(18)

Nossas afirmações confirmam-se ao determos no parágrafo 1º do Artigo 3º do Decreto nº 69.450/71, onde vamos encontrar a **aptidão física** como "a referência fundamental para orientar o planejamento, controle e avaliação da educação física(...) no nível dos estabelecimentos de ensino"(19).

Como pudemos perceber através dessas breves considerações, o termo **atividade** traz uma série de implicações para o entendimento da Educação Física na instituição escolar.

As disciplinas que constituem o currículo (conjunto de atividades nucleares da escola), cabe transmitir, enquanto partes constitutivas de uma totalidade de conhecimentos, o seu particular, sem, entretanto, estabelecer uma oposição com o geral. Mas, para que possamos realizar essa tarefa, é preciso examinar atentamente o que fundamenta cada disciplina curricular, e o porquê de sua existência. É preciso captar o que a definiu como tal, a que necessidade pedagógica veio atender.

É por isso que reivindicamos para a Educação Física a possibilidade de vir a ser reconhecida não apenas como **atividade**, mas com DISCIPLINA curricular. Isto porque, segundo os documentos legais mencionados, nas disciplinas, o processo de aprendizagem se dá, predominantemente, a partir de conhecimentos sistematizados, ou seja, a partir de reflexões teóricas.

Entendemos que a Educação Física, ao contrário de construir sua prática pela ótica da aptidão física, deva orientá-la na direção que conduz à percepção das práticas corporais enquanto componente cultural de um povo.

Nesta perspectiva, cabe à Educação Física e a nós, enquanto especialistas, darmos conta do entendimento das relações que nela interagem na formação daquilo que chamamos de cultura de movimento, e que se fez presente na sociedade brasileira ao longo de sua história.

B. A Especificidade da Educação Física no interior da Escola

Segundo V. Bracht, aquilo que confere especificidade à Educação Física no interior da instituição escolar é o movimento (20). Todavia, alerta o autor que não é qualquer movimento corporal ou

movimento humano que é tema da Educação Física, mas sim aquele

"...com determinado significado/sentido, que, por sua vez, lhe é conferido pelo contexto histórico-cultural. O movimento que é tema da Educação Física é o que se apresenta na forma de jogos, de exercícios ginásticos, de desporto, de dança etc."(21)

Portanto, o MOVIMENTO, se é para todos um processo de aprendizagem — inclusive para a Educação Física — um meio de inestimável valor pedagógico, para a Educação Física assume, maior relevância, passando a constituir-se mesmo na sua razão de ser e validando a sua especificidade.(22)

Vale ressaltar, portanto, que o movimento a que nos referimos é aquele que representa um fato da cultura, ao mesmo tempo em que também se apresenta como fator de cultura. Isto porque o movimento que privilegiamos na Educação Física escolar reveste-se de uma dimensão humana, uma vez que extrapola os limites orgânicos e biológicos onde comumente se enquadra a atividade física, pois o Homem é um ser eminentemente cultural. As leis biológicas que o determinam num primeiro momento de sua existência subordinam-se às leis histórico-sociais, uma vez que, no mundo contemporâneo, mais do que nunca, as necessidades, mesmo biológicas, são satisfeitas socialmente (23).

Contudo, para falar-se do Movimento Humano tematizado pela Educação Física, é preciso falar, também e prioritariamente, a respeito do corpo através do qual esse movimento se objetiva, expressando-se em toda a sua magnitude.

Na Coletânea "Conversando sobre o corpo", a antropóloga Suelly Kofes traz suas reflexões em torno das idéias centrais de uma obra de Marcel Mauss, na qual são colocadas algumas questões básicas sobre o corpo. Uma delas é a de que

"...o corpo aprende e é cada sociedade específica, em seus diferentes momentos históricos e com sua experiência acumulada, que o ensina.

E, no que ensina o corpo, nele se expressa: no andar, dormir, dançar, nadar, nos gestos, postura das mãos, no jeito de olhar(...) é a sociedade que ensina o corpo e nele marca as diferenças que ela reconhece e/ou estabelecer" (24).

Parece-nos estar contida nessas afirmações uma justificativa para a existência da Educação Física no interior da instituição escolar, cabendo-lhe, naquele espaço, a compreensão e explicação dos valores ético-políticos do corpo que prevaleceram e o determinaram nos mais distintos momentos históricos.

Nessa perspectiva, acreditamos que a Educação Física escolar deva ... "considerar os aspectos antropológicos da expressão corporal humana, vin-

culando-se aos princípios da preparação para o mundo do trabalho e da educação para o lazer". (25)

Cabe aqui recordar que, na visão de Educação Física entendida como atividade, tendo como objetivo o desenvolvimento da aptidão física voltada à prevenção e manutenção da saúde, os aspectos considerados relevantes vinculavam-se de forma direta ao mundo do trabalho, dada a sua importância para a produção, ou seja, preparação da força de trabalho.

Na perspectiva por nós adotada, a

(...)"Educação Física passa a ser relacionada ... menos diretamente com o mundo da produção, mas de forma mediata através da meditação do Lazer, o que em função do maior status social do trabalho (atividade "nobre") em relação ao lazer (atividade "superflua"), não deixa de constituir uma dificuldade para tal legitimação. No entanto, o lazer e a educação para o lazer, parecem, cada vez mais, serem considerados um tema e uma tarefa também da escola". (26)

C. Consciência Corporal: olhares novos sobre um velho conceito (27)

"As considerações feitas até agora acerca de um outro entendimento da Educação Física no interior da instituição escolar completam-se, neste momento, ao tratarmos de um conceito muito utilizado por aqueles que trabalham com a cultura de movimento e em especial os professores de Educação Física.

Falamos aqui do conceito de CONSCIÊNCIA CORPORAL. Para nós sua percepção não passa apenas pelos aspectos anatômicos, biomecânicos, fisiológicos ou biológicos. Mas, essencialmente, o que a define é a sua compreensão a respeito dos signos tatuados em nosso corpo pelos aspectos sócio-culturais de momentos históricos determinados. É fazer o homem sabedor de que seu corpo sempre estará expressando o discurso hegemônico de uma época e que a compreensão do significado desse discurso, bem como dos seus determinantes, é condição essencial para que ele possa vir a participar do processo de construção de seu tempo e, por conseguinte, da elaboração dos signos que serão gravados em seu corpo.

Certamente, seríamos mais fiéis à verdade histórica, se falássemos dos corpos dos brasileiros, no lugar de referirmo-nos a eles no singular, passando a impressão, falsa, de que todos eles receberam e recebem as mesmas "tatuagens", independentemente da classe social a que pertençam. Deve-se, ainda, acenar que é a correlação de forças presentes num momento histórico determinado que definirá a quem caberá identificar os sinais a serem gravados nos corpos, ficando essa

tarefa àquele segmento da sociedade que conseguir estabelecer-se enquanto classe dominante.

Assim, podemos afirmar que o corpo da maioria dos brasileiros vem carregando em si, ao longo dos tempos, valores ético-políticos que, num primeiro momento, o associava à imagem de corpo-instrumento e, em outro instante, mais recente, o teve vinculado à imagem de corpo-objeto.

O corpo dos indivíduos concebido como corpo-instrumento foi utilizado pela classe dominante desde as primeiras décadas do século passado. Num processo de reordenamento social implementado a partir da Independência do Brasil, a classe no poder, a elite imperial, lançou mão da idéia de valorização de um modelo específico de corpo. O corpo branco, higienizado e eugenizado. Tudo em nome da saúde e do revigoramento da população que aqui vivia, uma população em sua grande minoria pertencente à raça negra e vivendo na escravidão.

Com esse valores ético-políticos prevalecendo no corpo dos brasileiros, adentramos o século XX, tendo incorporado, mais precisamente a partir dos anos 30, outros valores, que fizeram por reforçar a sua relação com a eugenia da raça.

Isto porque os corpos dos brasileiros foram colocados a serviço da defesa da Pátria frente aos "inimigos internos" (que questionavam o ordenamento social vigente) e os "inimigos externos" (face à iminência da eclosão da segunda guerra mundial e do envolvimento brasileiro naquele conflito bélico).

Somam-se, a estas atribuições, aquelas relativas ao mundo da produção, ou seja, ao trabalho. O corpo dos brasileiros, tal como se dera na Europa do século XVIII e XIX, passa a ser visto como importante elemento no desenvolvimento da incipiente indústria nacional.

Nos anos 60, a imagem do corpo-instrumento é ainda muito presente, sendo reforçada a partir da implementação da política educacional do período, a qual se pautava nos parâmetros técnico-profissionalizantes respaldados na teoria do Capital Humano.

O final dos anos 70 e início dos 80 trazem à cena uma outra concepção de corpo - a do corpo-objeto. Esse é o momento no qual podemos apreender o corpo apropriado por um sistema que o torna "coisa" e o transforma, assim, através de diferentes práticas corporais, esportivas ou não, em elemento fomentador de toda uma "indústria corporal". O corpo é consumido em modelos, em formas de movimentar-se, em adereços. O corpo-objeto é consumo, é venda, é lucro. Há 55 anos atrás, Aldous Huxley já perspectiva em seu "Admirável Mundo Novo" essa visão consumista de tudo o que rodeia o Homem e até seu próprio corpo. Assim, dizia um dos personagens daquele mundo:

...“Vejam a estupidez que existe em permitir às pessoas, a prática de complicados jogos que de nada servem para aumentar o consumo. É loucura. Atualmente, os administradores só dão a sua aprovação a um jogo quando possa ser demonstrado que ele exige pelo menos tantos acessórios como o mais complexo dos existentes...”

É esse o corpo que à Educação Física cabe compreender e explicar, buscando, com esse proceder, dar sua parcela de contribuição para o despertar, nos educandos, daquela consciência corporal que lhes permita perceberem-se no mundo em que vivem e, de posse dessa consciência, interferirem, criticamente, no processo de construção da sociedade brasileira.

IV – DA EDUCAÇÃO FÍSICA QUE TEMOS À EDUCAÇÃO FÍSICA QUE QUEREMOS: CARACTERIZAÇÃO DE DUAS PERSPECTIVAS

A finalidade dessa caracterização é fornecer, didaticamente, elementos que permitam algumas reflexões críticas em torno das práticas ainda dominantes na Educação Física brasileira e daquelas que procuram resistir à esta visão.

Queremos deixar claro que os dois pontos de vista aqui apresentados, se considerados em si mesmos, ou seja, distantes e descontextualizados dos fatores que determinam ou produzem tais visões, podem cair numa **Interpretação Idealista** da Educação Física, que de maneira alguma defendemos.

Insistimos na constatação de que a consciência é uma construção, fundamentalmente histórica, e que não pode ser entendida a partir de si mesma (do tipo: “mudemos a consciência e seremos capazes de mudar o mundo”). A consciência (inclusive a corporal) só pode ser compreendida e definida com base nas relações concretas que se dão na esfera social. Portanto, é no concreto, ou melhor, na práxis (ação/reflexão/ação) que desenvolvemos a nossa consciência.

Assim, acreditamos ser interessante àqueles que pensam a sua prática em Educação Física, analisarem os quadros que seguem e que buscam caracterizar uma perspectiva CONSERVADORA e uma outra TRANSFORMADORA. A primeira tem seus pressupostos teóricos fundados numa CONCEPÇÃO POSITIVISTA-FUNCIONALISTA, e a segunda baseia-se numa VISÃO HISTÓRICO-CRÍTICA de ciência e realidade.

1. REDUACIONISMO BIOLÓGICO E BIOPSIOLÓGICO X TOTALIDADE

A. PERSPECTIVA CONSERVADORA

- considerando “as partes” como sendo o

todo, reduz os alunos (e os seres humanos de forma geral) às suas dimensões biológicas ou biopsicológicas;

- a preocupação fundamental é com o “físico”, com o movimento em seus aspectos mais mecânicos, promovendo uma “educação do físico” e incorporando uma visão de saúde de índole biofisiológica;
- a prioridade de suas metas acaba recaindo nos aspectos anátomo-fisiológicos; os aspectos psicológicos são incorporados apenas na medida em que possam interessar ou interferir na performance; adota, portanto, o paradigma da APTIDÃO FÍSICA.

B. PERSPECTIVA TRANSFORMADORA

- dá ênfase ao ambiente sócio-cultural e à história concreta das pessoas, sem desconsiderar as outras dimensões (biológica, psicológica, etc);
- procura entender o movimento humano enquanto expressão de uma cultura viva e enquanto caminho para o aperfeiçoamento ou transformação da sociedade; aqui a saúde é vista mais como resultado do estágio de desenvolvimento da sociedade (conquista ou atendimento das necessidades básicas: alimentação, saneamento básico, educação, tempo livre ...) do que o resultado de um processo individual;
- sua preocupação fundamental é com o sentido da existência humana como um todo, que é exercida a partir do movimento, especificamente: jogos, brincadeiras, práticas desportivas, danças, etc.

2. VISÃO DE CORPO

A. PERSPECTIVA CONSERVADORA

- concebe o corpo humano de forma dualista ou pluralista; ou seja, vê o Homem dividido em partes ou substâncias distintas: corpo e mente, corpo e alma, corpo, mente e espírito...
- frequentemente vê o aluno como um atleta e este como uma máquina; o corpo nesta perspectiva passa a ser considerado como objeto de produção, reprodução ou consumo.

B. PERSPECTIVA TRANSFORMADORA

- concebe o corpo humano de forma global e integrado à natureza e à sociedade; não reconhece a mente, a alma, o espírito, enquanto manifestações humanas, fora da

corporeidade; Corpo, Natureza e Sociedade são dimensões interdependentes desta existência;

- vê o aluno como um ser verdadeiramente humano, ou seja, um ser carente numa permanente busca de superação de si mesmo e de sua realização enquanto ser social; a corporeidade deve ser manifestação plena da existência.

3. INDIVÍDUO E SOCIEDADE: INDIVIDUALISMO X INDIVIDUALIDADE

A. PERSPECTIVA CONSERVADORA

Força consciente ou inconscientemente o individualismo (superioridade do indivíduo sobre a comunidade), ao descontextualizar a sua própria prática das contradições sociais.

B. PERSPECTIVA TRANSFORMADORA

- combate o individualismo; entende o ser humano (o corpo) como sujeito da história, mas também (e fundamentalmente) como produto desta história construída pelos homens; respeita e ajuda a consolidar a individualidade das pessoas.

4. NÍVEIS DE CONHECIMENTO: TECNICISMO X COMPETÊNCIA TÉCNICA

A. PERSPECTIVA CONSERVADORA

- constrói um universo de saber essencialmente técnico, levado facilmente a uma prática tecnicista, a partir da qual se estabelece uma relação de autoritarismo com os alunos, pois, neste particular (saber técnico), o professor é o único detentor do conhecimento; o professor sabe tudo e os alunos nada sabem;
- tende a utilizar-se das técnicas corporais da moda, de forma mecanicista, reproduzindo modelos sem uma análise mais profunda de seu significado social e cultural.

B. PERSPECTIVA TRANSFORMADORA

- com uma sólida e dinâmica visão de homem e de mundo (multidisciplinar), conquista a autoridade, que não se esgota apenas na sua competência técnica, mas que vai além à medida que se dá conta de suas expressões e manifestações mais amplas de vida, onde a cultura corporal se insere;
- utiliza-se de técnicas corporais milenares

ou contemporâneas de forma crítica e em consonância com a realidade em que se trabalha, procurando perceber que toda a ação motora é uma produção histórica, possuidora de um significado social e cultural definido.

5. COMPETIÇÃO, EDUCAÇÃO E INTENCIONALIDADE

A. PERSPECTIVA CONSERVADORA

- vê a competição como um fenômeno intrinsecamente positivo para a formação dos alunos, independentemente das intenções subjacentes ao processo educativo; não se apercebe dos limites em que se reproduz a competição doentia, enquanto produto social a ser combatido.

B. PERSPECTIVA TRANSFORMADORA

- utiliza-se da competição como um elemento educativo numa determinada direção, que aponta para um desenvolvimento humano que persegue, conscientemente e a todo momento, a justiça, a fraternidade e a solidariedade entre os homens.

6. REDUACIONISMO PEDAGÓGICO X CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A. PERSPECTIVA CONSERVADORA

- além dos reducionismos biológicos, biopsicológico e técnico, tende também ao reducionismo pedagógico (pedagogização) de suas práticas, ao considerar a Educação Física em si mesma, a Escola em si mesma, a criança em si mesma(...), sem considerar as diferenças econômicas, de classe social, culturais, que caracterizam os diversos grupos sociais.

B. PERSPECTIVA TRANSFORMADORA

- fundamenta-se no concreto, na realidade: sua escola não é qualquer escola, seus alunos não são quaisquer alunos, as crianças não são quaisquer crianças(...); cada pessoa tem a sua história, a sua classe social, e, portanto, os seus valores, as suas aspirações, os seus desejos, o seu desenvolvimento e as suas contradições.

7. FINALIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA: REPRODUÇÃO OU TRANSFORMAÇÃO

A. PERSPECTIVA CONSERVADORA

- reproduz e reforça, consciente ou inconscientemente, os valores dominantes: o professor, nesta perspectiva, acaba sendo simples instrumento reprodutor da engrenagem social, vale dizer, simples objeto da história; as atividades físicas servem para desenvolver o indivíduo física e mentalmente, plenamente adaptado à estrutura social vigente, desempenhando "da melhor maneira possível" a sua função nesta sociedade.

B. PERSPECTIVA TRANSFORMADA

- busca, a todo momento, reconhecer-se como sujeito, capaz de socialmente contribuir no esforço coletivo de transformação dos valores dominantes; as técnicas corporais são entendidas dentro de um contexto sócio-cultural dinâmico com potencialidades transformadoras.

- (17) *ibid.*, p. 108.
- (18) *ibid.*, p. 108.
- (19) *ibid.*, p. 109.
- (20) BRACHT, Valter, p. 13.
- (21) *ibid.*, p. 12.
- (22) CASTELLANI FILHO, Lino. *Revisão Curricular da Habilitação Magistério: Núcleo Comum e Disciplinas Profissionalizantes - Educação Física.* MEC/SESG PUC/SP. 1988.
- (23) *Ibidem*, p.23-24.
- (24) KOFES, Suely. *E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala?* p. 47.
- (25) ESCOBAR, Micheli O. *Contribuição ao Debate do Currículo em Educação Física: uma proposta para a escola pública.* p. 9. (Coord.).
- (26) BRACHET, Valter. *Educação Física: a busca da autonomia Pedagógica.* p. 17.
- (27) Este item intitulado "Consciência Corporal: novos olhares sobre um velho conceito", foi extraído literalmente de L. CASTELLANI FILHO, *Revisão Curricular da Habilitação Magistério: Núcleo Comum e Disciplinas Profissionalizantes - Educação Física MEC/SESG/PUC/SP.* p. 11-15. 1988.

BIBLIOGRAFIA

- Referências Bibliográficas

- (1) SÃO PAULO. *Cadernos de Formação nº 02, Estudo Preliminar da Realidade Local: resgatando o cotidiano;* documento da D. O.T., Secretaria Municipal de Educação, out. 90, p. 16.
- (2) *Idem.* p. 17.
- (3) MANACORDA, Mário Alighiero. *História da Educação: Da Antigüidade aos nossos dias,* p. 288.
- (4) *Idem.* p. 289.
- (5) BRACHT, Valter. *Educação Física: a busca da autonomia pedagógica,* p. 12-19, *Revista da Fundação de Esporte e Turismo, ANO I, nº 2, 1989.*
- (6) *ibid.* p. 14.
- (7) *ibid.* p. 14.
- (8) *ibid.* p. 14.
- (9) *ibid.* p. 14.
- (10) *ibid.* p. 14.
- (11) *ibid.* p. 14.
- (12) *ibid.* p. 14.
- (13) *ibid.* p. 14.
- (14) *ibid.* p. 14.
- (15) *ibid.* p. 14.
- (16) CASTELLANI, Lino Filho. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta,* p. 107-108.

II - Bibliografia de Apoio

- BRACHT, Valter. "A Educação Física: A Busca da Autonomia Pedagógica. in *Revista da Fundação de Esporte e Turismo.* Curitiba, PR. Ano I nº 2, 1989 p. 12-19.
- BRUHNS, Heloisa T. (org.). *Conversando Sobre o Corpo.* Campinas, SP. Papius, 1985.
- CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil: A História que não se Conta.* Campinas, SP., Papius, 1988.
- COSTA, Vera Lúcia M. *Prática da Educação Física no 1º Grau, Modelo de Reprodução ou Perspectiva de Transformação.* São Paulo, Ibrasa, 1984.
- ESCOBAR, Micheli Ortega (coord.) *Contribuição ao Debate do Currículo em Educação Física: Uma Proposta para a Escola Pública.* Secretaria de Educação de Pernambuco. Recife, 1989.
- CHIRALDELLI Jr., Paulo. *Educação Física Progressista.* São Paulo, Loyola, 1988.
- IANNI, Octávio. *Escravidão e Racismo.* São Paulo, Hucitec, 2ª edição, 1988.
- MANACORDA, M. Alighiero. *História da Educação: Da Antigüidade aos nossos dias.* São Paulo, Cortez, 1989.
- MARCELINO, Nelson C. *Pedagogia da Animação.* Campinas, SP. Papius, 1990.
- MARX, K. *O Capital.* vol. 1. São Paulo, Difel, 10ª edição, 1985.
- MEDINA, João Paulo S. *A Educação Física Cuida*

- do Corpo...e "Mente".** Bases para a Renovação e Transformação da Educação Física. Campinas, SP. Papyrus, 9ª edição, 1990.
- MEDINA, João Paulo S. **O Brasileiro e seu Corpo, Educação e Política do Corpo.** Campinas, SP. Papyrus, 2ª edição, 1990.
- SÉRGIO, Manuel. **A Prática e a Educação Física.** Lisboa, Editorial Compedium.
- SOARES, Carmen L. **Física Escolar.** UNICAMP/FE DEME, CBCE, Campinas, SP. Mimeo, 1989.
- SOARES, Carmen L. **O Pensamento Médico Higienista e a Educação Física no Brasil: 1850-1930.** Tese de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1990.
- TAFFAREL, Celi N. Z. **Criatividade nas Aulas de Educação Física.** Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1985.